

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

BOCA
DO
INFERNO



ILUSTRAÇÕES DE
JOÃO FAZENDA

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVII



Anástrofe e incerteza em Tony Carreira

Quem é, hoje, o mais conhecido e apreciado poeta português? A Academia divide-se, o que demonstra, uma vez mais, que a Academia não percebe nada do assunto. Inúmeros portugueses sabem de cor os seus versos — e, no entanto, a universidade despreza-o, a crítica ignora-o, as selectas barram-lhe a entrada. Valha-nos o povo, especialmente aquela parcela do povo que é constituída por senhoras maiores de 50 anos, que o venera. O mais famoso poeta português da actualidade é, sem dúvida nenhuma, Tony Carreira. Fazia falta um estudo sério sobre a sua obra. Um pouco vergado sob o fardo de ser sempre pioneiro a fazer o que faz falta, aqui o apresento.

O primeiro aspecto que o leitor de Tony Carreira deverá ter em conta é o seu universo vocabular. Carreira definiu um vocabulário restrito, não porque queira, como Eugénio de Andrade, estabelecer um conjunto de vocábulos essenciais e, a partir desse núcleo, obter uma expressividade reforçada pelos contextos inesperados em que eles surgem, mas, ao que tudo indica, porque conhece poucas palavras. E a maior parte das que conhece não tem muitas sílabas. Tony Carreira não perde tempo a procurar o adjectivo certo. Na dúvida, é tudo «lindo». É o caso da vida, no poema «Não

chores mais» («Não chores mais / não nunca mais / que a vida é tão linda»), da mãe, em «Mãe querida» («Hoje velhinha estás, querida mãezinha / Mas para mim sempre serás tu a mais linda»), de uma casa, em «Coração perdido» («Hoje vives numa linda casa»), ou de várias coisas, no poema «Ai que saudades» (nele, o herói parte de «uma casinha branca tão linda», recorda «esse cantinho doce e tão lindo» e anseia pelo regresso à «ilha linda (...) que o viu nascer», que é, evidentemente, a «linda Madeira»).

Mas quem é, no fundo, Tony Carreira? No essencial, talvez um vagabundo. O poeta apresenta-se como «um eterno vagabundo» (em «Quem era eu sem ti»), declara «sou vagabundo, não vou parar» (em «A minha guitarra»), descreve-se como «um romântico, meio vagabundo» (em «Será que sou feliz»), adianta que «ninguém conseguia mesmo parar / o meu lado vagabundo» (em «Um homem muda»), define-se como um «vagabundo feliz» (em «A vida que eu escolhi») e, no belíssimo «Eterno vagabundo», confessa: «Já pensei ter mulher / Ter um lar a condizer / Mas não deu // Porque o meu coração / É vagabundo / Até mais não». Talvez o melhor retrato do poeta seja, de facto, o deste «vagabundo até mais não», uma vez que, como vimos, há muita indigência na poesia de Carreira (e aqui estou a ser tão denotativo quanto conotativo).

Enquanto poeta, Tony Carreira está preocupado com dois problemas principais: a quantidade de frases que, não terminando numa palavra acabada em «ar», não podem rimar com outras frases que terminem numa palavra acabada em «ar» (e por isso recorre com frequência a belas anástrofes, como em «Morena bonita»: «Um dia destes eu com ela vou falar / Vou fazer tudo p'ra seu amor conquistar»); e as idiossincrasias do amor, e as perplexidades que elas causam. Neste capítulo, são exemplares os poemas «Qualquer dia posso-me cansar» («E quando as coisas correm mal porque é que tu me ofendes / Se ao fim da noite queres fazer as pazes na cama?») e «Cai nos meus braços, Maria» («Tu que estás aí dançando / Faz aquilo que eu desejo / Vem para mim bamboleando / Sim, tro-

peça nos meus beijos (...) Vem nesse bamboleado / Escorrega nos meus lábios»), sendo que este último parece alertar para o carácter traiçoeiro dos beijos, que ora fazem tropeçar, ora saem de lábios escorregadios. A registar por quem, desejando entregar-se aos prazeres do amor, não queira, ainda assim, partir uma perna.

Fica o incentivo para uma leitura atenta da poesia de Tony Carreira — que, por ser inclassificável, não me sinto capaz de adjectivar. A não ser, talvez, com a expressão «muito linda».



Rentrée política: a análise que faltava

Se há ponto no qual todos os comentadores políticos estão de acordo é na falta de qualidade da nossa classe política. Quase não há dia em que não se queixem disso, e com razão: a nossa classe de comentadores políticos é excelente. É um desperdício de talento que comentadores tão perspicazes e inteligentes tenham de produzir comentários acerca de políticos tão inábeis e desastrosos. Já tem acontecido políticos inábeis e desastrosos terem passado a ser comentadores perspicazes e inteligentes. Do inverso, continua a não haver notícia, o que parece ensinar que quem atinge a excelência nas actividades mais nobres e importantes não deve meter-se em ninharias.

Talvez por isso, julgo que pode ser interessante, e sobretudo mais apropriado, que a *rentrée* política seja vista pelo olhar de um leigo — e quem costuma ler esta página sabe que pode contar com o meu olhar para ser leigo acerca de tudo (notem que usei a palavra «leigo» quer como substantivo, quer como adjectivo. A ignorância, quando se exprime com alguma riqueza morfológico-sintáctica, tem logo outro encanto).

Mesmo para quem não percebe nada de política (como eu, ou o Manuel Monteiro) tem sido interessante acompanhar a

disputa entre o primeiro-ministro, José Sócrates, e o líder da oposição, Cavaco Silva. O presidente tem liderado a oposição contra o governo e a oposição contra a própria oposição, nomeadamente quando veta projectos de lei que até a oposição aprovou. Por dever de imparcialidade, o presidente está obrigado a chatear igualmente os partidos de direita e os partidos de esquerda. E também o PS. Mas por muito que se aprecie o trabalho que o prof. Cavaco tem feito enquanto força de bloqueio, é importante não termos memória curta. Enquanto primeiro-ministro, Cavaco governou o país de tal forma que deixou o povo português convencido de que votar no Guterres era boa ideia. Essa, não lhe podemos perdoar.

Entretanto, no PSD, assiste-se a uma luta fratricida pelo poder. Não admira: está em causa saber quem será o candidato que, nas próximas eleições, vai ser derrotado por José Sócrates. Quando a parada é alta, a ambição torna-se desmedida. Até ver, Marques Mendes está firme, mas a concorrência é de peso: Luís Filipe Menezes consegue apelar aos eleitores mais populares sem deixar de ser intelectualmente interessante. Lembro que Menezes tem um blogue tão bom que a Wikipédia até vai lá copiar coisas.

Como se não bastasse, Marques Mendes cometeu um erro muito grave. Recusou-se a apoiar autarcas arguidos em processos de corrupção. O povo, evidentemente, penalizou-o. Quando se ataca desta maneira as tradições e os costumes nacionais, os portugueses reagem com azedume.

Posto isto, a minha opinião de leigo é que vai ficar tudo na mesma. A não ser que algum comentador político tome uma atitude e resolva intervir. Nesse caso, talvez as coisas fiquem um bocadinho piores.



Polémica: Pulido Valente responde a Bush

Exmo. Sr.,
Primeiro que tudo, e antes que me esqueça: V. Exa. é um idiota. Foi sem dúvida nessa qualidade que, recentemente, se referiu aos fundamentalistas islâmicos como «fascistas». Numa altura em que, sabe Deus com que paciência, ando ocupado a explicar a alguns compatriotas (na sua maioria, idiotas) que é preciso usar de cautela e rigor quando se fala de fascismo, pode calcular como levo a mal a sua intervenção.

Aqui em Portugal (peça, por favor, à pessoa que lhe está a ler esta carta que lhe explique em que ponto da Europa fica Portugal. Peça depois à mesma pessoa que lhe explique o que é a Europa), tivemos um regime que certos indivíduos (boa parte dos quais, idiotas) teimam em definir como fascista. Esta gente desconhece que só podemos chamar fascista a um regime quando se verificam certos parâmetros e que, por isso, só existiu verdadeiro fascismo em certas regiões de Itália e, mesmo aí, só às segundas, quartas e sextas, e só da parte da tarde.

Veja como a questão é traiçoeira: o salazarismo, mesmo tendo um partido único, uma milícia fascista e uma organização paramilitar da juventude com claras afinidades com a juventude hitleriana



Noitada de Natal

Ao que parece, na noite da consoada, a SIC transmitiu anúncios de imagens eróticas para telemóveis no intervalo do filme para crianças *Shrek*. Junto a minha voz ao coro de protestos. É um escândalo que uma pessoa esteja calmamente a apreciar a sua pornografia de Natal e, sem aviso nem razão aparente, seja interrompida por um filme para crianças. Haverá no mundo poucas coisas menos sensuais do que um filme para crianças, para mais quando é protagonizado por um ogre. O choque da passagem das senhoras seminuas do anúncio para o gigante verde do filme é uma desfeita que o público da SIC não merecia.

É incrível, mas aparentemente há necessidade de lembrar aos responsáveis da estação de Carnaxide que o Natal é tempo de paz e amor. Ora, é muito fácil constatar que as artistas que protagonizam o anúncio desejam (e de que maneira) fazer amor. Já o tal Shrek não manifesta a mais pequena vontade de seduzir o espectador: não exhibe os seios — nem sequer os possui —, não faz olhos lânguidos para a câmara e, ao longo de hora e meia de filme, pega-se à pancada com meia dúzia de outras criaturas. É isto o Natal? Não é.

Mas atenção: não quero com isto dizer que sou contra a transmissão de filmes infantis na noite da véspera de Natal. Estou longe

de ser um puritano. Simplesmente defendo que os transmitam a horas próprias, que não incomodem quem os não quer ver. O procedimento da SIC gera situações aborrecidas como esta, que se passou em minha casa:

—Passa o bacalhau, avô.

—Dá-me um minuto, filho. Deixa-me só apontar aqui este número que está a passar na televisão, pois eu gostaria de receber três ou quatro destas imagens escaldantes ainda antes da sobremesa. É que depois mete-se a troca de presentes e já não consigo ver raparigas nuas antes da meia-noite. Ora é o 400... Mau... que é isto? Um ogre?

E agora, dr. Francisco Balsemão? Como é que se explica a uma pessoa de idade que aquela moça, de seios tão firmes, tem de ceder o seu lugar na pantalha a um qualquer filme infantil por causa do maldito espírito comercial desta nossa economia de mercado desumana? Não se trata apenas da desilusão de não ter conseguido anotar o número que permitiria animar a ceia de Natal com dois ou três pares de mamilos. São as perguntas difíceis que o velho nos coloca, quando em contacto com os filmes infantis. «Como é que se faz este tipo de animação?», «Que bonecos tão feios são estes?», «Que é feito do Mickey? Já não trabalha?» Perguntas incómodas cujas respostas, como é óbvio, o idoso não tem idade para compreender. E assim se estraga uma noite de Natal.



I like to press transgenic flowers

Cem activistas contra os organismos geneticamente modificados destruíram um hectare de milho transgénico. Eles dizem que foram provocados; o milho garante que estava sossegado. Não interessa. Digamos que não foi a atitude mais inteligente do mundo. De facto, há razões para temer que os alimentos transgénicos possam ser perigosos, embora a comunidade científica não chegue a um consenso definitivo sobre a matéria. No entanto, quem já viu dois ou três cientistas percebe que a comunidade científica é composta por pessoas cuja vida sexual é tão pouco activa que é perfeitamente natural aquela gente andar sempre rabugenta e não chegar a consensos definitivos sobre coisa nenhuma. O certo é que o campo de milho daquele agricultor era legal. Nessa medida, protestar contra os transgénicos destruindo a plantação de um desgraçado é tão inteligente como ir a uma estrebaria espancar uma mula. Digo mula porque, sendo produto do amor entre um cavalo e um burro, acaba por ser um bicho transgénico. (Curioso: andam os cientistas a investir em formação superior para conseguir misturar genes de espécies diferentes, e um cavalo e uma burra sem frequência do ensino secundário conseguem fazê-lo em dez minutos. Por outro lado, há



Ser do Benfica: manual de instruções

O Benfica tem boas hipóteses de ser campeão este ano, e eu confesso que não consigo pensar noutra coisa. Devo acrescentar que, mesmo quando o Benfica não tem hipóteses nenhuma de ser campeão, eu não consigo pensar noutra coisa. Mas estou longe de ser um fanático, atenção. Detesto fanáticos do Benfica. São insuportáveis. Os fanáticos acham que o Benfica é o melhor clube do mundo. Um benfiquista a sério pensa de outro modo: não é uma questão de achar; nós *temos a certeza* de que o Benfica é o melhor clube do mundo. Os fanáticos são uns maricas.

Um benfiquista a sério continua a acreditar na conquista do campeonato mesmo quando já é matematicamente impossível. Porque é que há-de ser a matemática a ditar a possibilidade de se ser campeão? Porque não a literatura? O título pode ser matematicamente impossível mas, ainda assim, literariamente possível. O que impede uma equipa que esteja a liderar o campeonato num determinado momento de abdicar do título a favor do Benfica, por ser a equipa que pratica o melhor futebol e veste o equipamento mais bonito? Nada.

Um benfiquista a sério tem aspirações irrealizáveis. Um sportinguista a sério quer que a equipa do Sporting jogue bem. Um portista

a sério quer que a equipa do Porto seja aguerrida. Um benfiquista a sério quer que a equipa do Benfica seja «o Benfica». E ser «o Benfica» é quase impossível — especialmente para o Benfica. Isto porque um benfiquista a sério é seriamente doente. O Benfica bem pode ganhar um jogo por quatro ou cinco, que nós saímos da Luz a dizer: «Não jogamos nada, pá.» Isto é, evidentemente, um elogio. É por isto que nós somos o Benfica. Não nos contentamos com sermos os maiores. Sabemos que podemos ser ainda melhores do que aquilo. Podemos ser «o Benfica». E temos todas as condições para sê-lo, uma vez que, curiosamente, já somos o Benfica. Não sei se me faço entender. É provável que não. Eu próprio estou um bocado à nora.

Um benfiquista a sério exige aos jogadores que sejam mais do que são. Exige ao Simão que seja o Simão e que, além disso, tenha a imaginação do Chalana e a garra do Simões; exige ao Manuel Fernandes que seja o Manuel Fernandes e que tenha ainda a força do Coluna e a visão de jogo do Shéu; e exige ao Paulo Almeida que vá para casa e não saia de lá. Um benfiquista a sério é bastante cruel. A menos que o Paulo Almeida marque três golos ao Porto. Nessa altura o Paulo Almeida fará o que quiser de um benfiquista a sério.

E um benfiquista a sério é um benfiquista a sério. Não é simpaticante do Benfica. O Benfica não desperta sentimentos menores, como a simpatia. Só gera de amor para cima. E é um amor exclusivo. Lembro-me de, um dia, ter tido esta conversa com o meu pai:

Ele: Más notícias, filho. Quando vínhamos para casa, a seguir ao empate do Benfica, a tua mãe caiu e partiu os dois braços e as duas pernas.

Eu: Eh pá, não acredito. O Benfica empatou?

Claro que isto nunca aconteceu. É um exagero que eu uso aqui com fins estilísticos. A minha mãe tinha partido os dois braços mas só uma das pernas. Estava ótima. Apesar disso, este tipo de atitude tem-me causado dissabores ao longo da vida. Eu sei perfeitamente que nunca serei o filho preferido da minha mãe. E eu sou filho único, portanto vejam bem o que isto faz a uma pessoa.



O silvo fulvo e o apito dourado

A enorme quantidade de escutas telefónicas do processo Apito Dourado é preocupante: ao que parece, já ninguém escreve cartas. É tudo decidido pelo telefone, num nível de linguagem extremamente pobre, sem beleza, sem estilo, sem nada. Não há um parágrafo memorável, uma frase que persista, uma palavra que brilhe. Excepto, talvez, a palavra «pá», que ganha nestas conversas algum fulgor, mas mais pelo efeito da repetição do que pelo talento literário de quem a profere. É óbvio para todos que só o aprumo da palavra escrita poderia oferecer à corrupção o prestígio que ela merece, sobretudo em Portugal.

Não é que o fenómeno da corrupção se possa queixar de falta de prestígio, atenção. Quem dera ao aborto ter, entre nós, o estatuto que tem a corrupção. A prática da corrupção desportiva já foi despenalizada há muito (não me lembro do último dirigente condenado) — e não precisou de referendo, o que é sensato, porque poupa tempo e chatice. Mais: se há áreas de actividade em que a burocracia não entra, a corrupção é uma delas. Os distraídos que verifiquem nos jornais: pede-se o favor de um árbitro no sábado e está o penálti assinalado no domingo. Mas as escutas retiram muito do encanto a estas maroscas:

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ACÁCIO, MANUEL: 152-154
Águas, Rui: 284
Allen, Woody: 278
Almeida, Joaquim de: 171
Almeida, Paulo: 260
Alves, Gabriel: 102
Amaral, Diogo Freitas do: 75, 94, 97-8
Amaral, João Mota: 120
Anderson, Pamela: 218
Andrade, Carlos Drummond de: 269
Andrade, Eugénio de: 11
Antunes, António Lobo: 142
Antunes, Ramiro: 74
Arriaga, Kaulza de: 27
Artur Jorge: 106
Ash, Timothy Garton: 104
Assis, Francisco: 125
Avô Cantigas: 19-20
Azevedo, Belmiro de: 204
- BAHIA, MARIA JOÃO: 41
Balsemão, Francisco: 148
Baltasar (personagem de *Memorial do Convento*): 26
Barbie: 51
Barroso, José Manuel Durão: 79, 102, 130
Batatinha: 118
Beethoven, Ludwig van: 196
- Bellini, oráculo de: 15, 37
Bento XVI, papa: 203, 232
Berardo, Joe: 231-2
Bin Laden, Ossama: 89-90, 219, 246
Blimunda (personagem de *Memorial do Convento*): 26
Bloom, Harold: 25
Bobó, Mamadu: 80
Bono: 243-4
Bota, José Mendes: 243
Brown, Dan: 171
Bryan, Peter: 221-2
Bueno, Eduardo: 269
Burton, Tim: 48
Bush, George: 49, 244
Bush, George W.: 49, 67, 90, 244-5
- CAEIRO, ALBERTO: 44
Camões, Luís Vaz de: 98, 254
Camus, Albert: 200, 269
Cardoso, José Lopes: 97-8
Carey, Mariah: 244
Carreira, Tony: 11-3
Carrilho, Manuel Maria: 78, 114, 116
Carvalho, António Galopim de: 108
Carvalho, Carlos Fontão de: 77
Casaco, António Rosa: 27-8
Castro, Marta Leite de: 83, 218
César (imperador): 124

- Chabal, Sébastien: 264
Chalana: 260
Charrua, Fernando: 91
Cicarelli, Daniela: 47-8
Cicciolina: 55
Cinderela: 169
Coelho, Eduardo Prado: 143, 181
Coelho, Jorge: 100
Coluna: 260
Copérnico, Nicolau: 273-4
Costa, Jorge Nuno Pinto da: 200
Cousteau, Jacques: 47
Couto, Mia: 266
Cunhal, Álvaro: 28, 175
- DALAI LAMA: 125
Darwin, Charles: 264
Delgado, Humberto: 27
Delgado, Luís: 36-8, 94, 171, 278
Deus: 14, 29-30, 67, 117, 126, 161, 182, 203-4, 218, 230, 232, 244, 250, 264, 266, 267, 276
Domingues, Maria Elisa: 175
Dom Quixote: 182
Duvall, Robert: 251
- EANES, ANTÓNIO RAMALHO: 82, 118, 135-6
Edison, Thomas: 56, 244
Espada, João Carlos: 104, 109-11
Eusébio: 270, 271, 272
- FELGUEIRAS, FÁTIMA: 103, 123, 125-6
Fernandes, António Costa: 98
Fernandes, Joaquina: 74
Fernandes, Manuel: 260
Fernandes, padre Acílio: 161
Ferreira, José Gomes: 269-70
Figo: 247-8
Floribella: 25, 33-5
Fonseca, Manuel da: 42
Franco, Matilde Sousa: 119
Fukuyama, Francis: 31, 143
- GALILEI, GALILEU: 274
Gata Borrreira: 33
Geldof, Bob: 244
Gil, José: 165, 171-2
- Godinho, Sérgio: 208
Gonçalves, Jorge Jardim: 231
Gouveia, José Eduardo Fialho: 21
Goya y Lucientes, Francisco de: 228
Guedes, Luís Marques: 128
Guedes, Luís Nobre: 68, 121-2
Guimarães, Bárbara: 54
Guinot, Maria: 142-3
Gutenberg, Johannes: 244
Guterres, António: 66
- HAMLET: 19-20
Hitler, Adolf: 68, 90, 174
Hudson, Rock: 197
Hussein, Saddam: 90, 227-8
- IONESCO, EUGÈNE: 32
- JACK, O ESTRIPADOR: 186
Jackson, Michael: 184
Jardim, Alberto João: 31, 69, 85-6
Jardim, Cinha: 51-2, 104
Jardim, Pimpinha: 51-2
Jesus Cristo: 80, 110, 126, 178, 189, 281
Judas: 97
- KARLFELDT, ERIK AXEL: 42
- LIMA, DUARTE: 243
Lino, Mário: 91, 195
Lobo, Luís Freitas: 25-6
Lopes, Pedro Santana: 37-8, 40, 46, 76, 102, 111, 117-8, 123, 166, 173, 178, 253
Loreno, padre: 178-9
Louçã, Francisco: 36, 75, 111
Loureiro, Valentim: 79, 275
Lúcia, irmã: 178, 218
- MACBETH: 25
Machado, António Montalvão: 128
Madame Bovary: 181
Madre Teresa de Calcutá: 266
Magritte, René: 68
Maia, Fernando Salgueiro: 86
Maistre, Xavier de: 143
Malagrida, padre: 203
Malhoa, José: 120
Manet, Édouard: 228
- Manso, Ana: 128, 229
Manuel José: 80
Maradona, Diego: 265
Marías, Javier: 269
Marley, Bob: 184
Marques, Fernando: 74
Marx, Karl: 37, 205, 235
Mattoso, José: 254
Maya: 37
McCann, Gerry: 186
Mendes, Luís Marques: 66, 71, 81, 133, 134, 165-6
Menezes, Luís Filipe: 66, 79-81
Mickey: 148, 169-70
Milu: 34
Miss Universo: 101
Mistress Foxy: 56
Mitterrand: 36
Mónica, Maria Filomena: 177
Moniz, Martim: 254
Montalbán, Manuel Vasquez: 269
Monteiro, Manuel: 65
Moreira, Margarida: 91
Moss, Kate: 48
Moura, Vasco Graça: 235
Mourinho, José: 26, 207
Mozart, Wolfgang Amadeus: 165
Mussolini, Benito: 68
- NEVES, JOÃO CÉSAR DAS: 21-2
Nossa Senhora de Fátima: 122
- PACHECO, LUIZ: 42
Pasternak, Boris: 42
Pauleta: 59, 89
Pereira, José Pacheco: 90, 93, 180, 209-10, 247
Pereira, Nuno da Câmara: 119
Pereira, Nuno Monteiro: 17
Pereira, Ricardo Araújo: 287-9
Pet Shop Boys: 244
Pinho, Manuel: 72, 87-8
Pinto, Margarida Rebelo: 143
Pinto, Paulo Teixeira: 231
Pitágoras: 242
Pombal, Marquês de: 107
Popper, Karl: 104
Portas, Paulo: 39, 76
- Poulat, Éric: 268
- RAMOS, JAIME: 31-2, 85
Ratzinger, Joseph: 122
Rio, Rui: 124
Rodrigues, Amália: 34
Rodrigues, António Carmona: 40, 114, 134
Rodrigues, Nelson: 269
Rogeiro, Nuno: 180
Ronaldo, Cristiano: 59, 218
- SALAZAR, ANTÓNIO DE OLIVEIRA: 68, 173-5, 190
Sampaio, Jorge: 46, 50, 109-10, 120, 142, 176, 248
Sanches, José Luís Saldanha: 129
Sancho Pança: 182
Santos, Arménio: 128
Santos, José Loureiro dos: 246
Saraiva, José António: 93
Saramago, José: 26, 96
Sarapicolé, sapo: 20
Sarmento, Nuno Morais: 120
Sartre, Jean-Paul: 42
Scolari, Luiz Felipe: 162
Seixo, Maria Alzira: 235, 288
Serrão, Jacinto: 31-2
Serrão, Joaquim Veríssimo: 32
Shaka Zulu: 86
Shakespeare: 19-20, 25, 43
Shakira: 244
Shéu: 260
Shrek: 147
Silva, Aníbal Cavaco: 45-6, 49-50, 66, 82-3, 103-5, 107-10, 141
Silva, Maria Cavaco: 49
Simão: 260
Smith, Adam: 32
Soares, Mário: 82-3, 103, 107-8
Sócrates, José: 36-7, 66, 75-6, 91, 94, 100, 112, 117-8, 130, 165, 181, 196, 223, 249-50
Sónia Baby: 56
Sousa, Marcelo Rebelo de: 37, 139, 166, 180
Super-Homem: 23-4
Suza, Linda de: 168

TELLES, LYGIA FAGUNDES: 270
Thatcher, Margaret: 37, 51
Torres, Avelino Ferreira: 73, 140, 254
Torres, Valentina: 278
Trindade, Bernardo: 47

VALENTE, VASCO PULIDO: 39-40, 67-8,
210, 253
Venâncio, Fernando: 26
Veríssimo, Luís Fernando: 269

Vicente, Gil: 275
Vieira, Luís Filipe: 265
Village People: 197

WAYNE, JOHN: 197

YORICK (PERSONAGEM DE *HAMLET*): 20

ZANDINGA: 102
Zapatero, José Luís: 165

ESTA EDIÇÃO DE
BOCA DO INFERNO
FOI COMPOSTA EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSA PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL BESAYA DE 80 GRS, NUMA
TIRAGEM DE 10 000 EXEMPLARES,
EM OUTUBRO DE 2007.